

AS ALTERAÇÕES NA MODA FEMININA NO PERÍODO PÓS REVOLUÇÃO FRANCESA E O ESTILO IMPÉRIO DE JOSEFINA

*Changes in Women's Fashion in the Period After the French Revolution and the
Emergence of Empire Style of Josephine*

Alencar, Camila Osugi Cavalcanti de¹
Bessa, Ricardo André Santana²

Resumo

O artigo retrata as transformações na moda feminina no período pós revolução francesa e a moda na corte napoleônica conhecida como Império na figura da imperatriz Josefina.

Palavras-chave: Moda; Estilo Império; Imperatriz Josefina.

Abstract

The article shows the changes in women's fashion in the post French Revolution period and the fashion in the Napoleonic court known as Empire in the figure of the Empress Josephine.

Keywords: Fashion; Empire style; Empress Josephine.

¹ Mestre em Moda, Cultura e Arte pelo Centro Universitário SENAC-SP (2010). Bacharel em Estilismo e Moda pela Universidade Federal do Ceará (1999); Docente na Universidade Federal do Ceará, Universidade de Fortaleza e Faculdade Farias Brito.

² Mestre em Ciências pelo programa de Textil e Moda da Universidade de São Paulo (2014). especialista em Design de Acessórios de Moda pela Faculdade Santa Marcelina (2011). Graduada em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade Federal do Ceará - UFC (2009).

Introdução

Este artigo busca apresentar resultados de uma pesquisa sobre as mudanças radicais ocorridas no campo da moda no período pós revolução francesa a partir da leitura de livros de história contemporânea e da moda , assim como relatos sobre a influência de Napoleão Bonaparte na moda e estilo de vestir da Imperatriz Josefina revistos na biografia Josefina, desejo, ambição, Napoleão, de Kate Williams. A narrativa concentra-se nas transformações do vestuário no fim do século XVIII e no período Império, descrevendo alguns detalhes como essas transformações foram estabelecidas sobre o olhar de Napoleão Bonaparte, admirador da cultura neoclássica e de valores greco-romanos que se viu na indumentária da época.

As alterações na moda pós Revolução Francesa e o Estilo Império

Em 1789 uma crise estabeleceu-se no estado francês formado por nobreza, clero e a classe média, liderada pelos burgueses, que iniciou uma luta por direitos iguais, reunindo-se e autoproclamando-se “ Assembleia Nacional”. Em Paris, no decorrer dos acontecimentos que se seguiram, uma multidão invadiu a prisão da Bastilha, iniciando uma série de rebeliões que iriam alastrar-se por toda a França. Era 14 de julho de 1789, data que marca o início da revolução francesa. Segundo Marriott (2015, p.126) a “Assembleia Nacional” aboliu os privilégios da nobreza, redigiu a Declaração dos Direitos Humanos e tentou estabelecer princípios de igualdade, cidadania e direitos inalienáveis.

A Revolução Francesa não só operou mudanças políticas e sociais na França no fim do século XVIII mas também alterações nas relações entre a moda e sociedade, sendo uma divisora de águas no campo da moda, que mudou radicalmente, como relata Pollini:

Com ela, um dos mais significativos privilégios da nobreza desaparece: as leis suntuárias. Estas leis existiram por séculos na Europa e determinaram o que as pessoas poderiam ou não vestir. Portanto, a revolução pôs fim ao uso exclusivo de roupas. (Pollini, 2007, p. 36)

Em 1792 foi estabelecida a República e os reis franceses guilhotinados. Em 1795 um novo governo chamado Diretório assumiu o controle do estado francês,

até que um jovem general chamado Napoleão Bonaparte tomasse o poder em 1799 (MARRIOTT, 2015, p.128).

Como em todas as revoluções, houve grandes modificações, especialmente as suntuárias, tanto nas masculinas quanto femininas. Os trajes do antigo regime foram abolidos. Todo o exagero da corte de Maria Antonieta deixou de existir. As regras foram mudadas e foram abolidas os espartilhos, perucas, cabelos empoados, tecidos pesados e cores fortes, assim como o excesso de adornos do Rococó.

Em seu lugar, as tendências usadas na França , que ainda liderava a Europa, refletiam a esperança que houvesse nascido uma nova era baseada no exemplo de democracia da Grécia antiga. Inspirada nesses ideal e nas descobertas arqueológicas feitas em Pompéia, a estética passou a ser conhecida como neoclássica. (FOGG, p. 120)

A moda neoclássica de 1780 a 1820 é mais associada ao estilo “*chemisier*”, retos, de musselina ou algodão branco fino, surgida nos anos de 1780 e popularizados pelos círculos da rainha Maria Antonieta em Versalhes. Depois da revolução, o *chemisier* passou a dominar a moda e passou a ser conhecido como vestido Império.

A extravagância na indumentária foi deixada de lado, ainda que um grupo de mulheres que ficaram conhecidas como *Merveilleuses* (Maravilhosas) tivessem adotado um estilo diferente por volta de 1795, trajando vestidos chemisiers decotados e esvoaçantes, feitos em seda branca transparente no estilo dos trajes gregos antigos, mas com caudas compridíssimas.

A Grã-Bretanha vai adotar essa moda feminina francesa, mas vai manter sua influência na masculina, com os estilos dos cavalheiros ingleses. Os antecedentes da moda neoclássica eram mais que franceses e tiveram forte influência do movimento romântico nas artes, baseado no estilo pastoral do francês Jean-Honoré Fragonard e do filósofo Jean Jaques Rousseau.

Mais que o estilo das roupas, o que mudou foi a relação de toda uma sociedade com a moda. Não haviam mais regras para uso de roupas, apenas a

condição econômica que diferenciaria a indumentária dos homens, ocasionando um novo renascimento da moda.

Mas a moda não foi somente um palco de apreciação do espetáculo dos outros; desencadeou, ao mesmo tempo, um investimento de si, uma auto-observação estética sem nenhum precedente. A moda tem ligação com o prazer de ser visto, de exibir-se ao olhar do outro. (LIPOVETSKY, pag.39)

A afirmação de Lipovestky reafirma a visão napoleônica sobre a moda e sobre sua primeira esposa, a imperatriz Josefina, que assim como sua antecessora no trono francês, Maria Antonieta, vai destacar-se pela elegância e pelos gastos, tornando-se a principal figura feminina da moda feminina na corte napoleônica, que difundiu-se nos estados europeus conquistados pelo exército francês e deles se inspirou.

Figura 1: A coroação de Napoleão e Josefina. (<https://en.wikipedia.org>) 1807.



Após a Revolução, a moda começou a passar por um processo de significativa mudança até atingir a identidade daquela que seria verdadeiramente a moda Império. A palavra de ordem nesse intervalo de tempo, ou seja, a década de 1790, era conforto. As roupas passaram a ser mais práticas e de fato confortáveis. (BRAGA, p.56)

Os primeiros quinze anos do século XIX foram dominados pelas campanhas militares de Bonaparte, mais tarde coroado Napoleão I, imperador da França, e junto dele estava a rainha consorte Josefina. A figura 01 representa um momento impar na história contemporânea: a coroação de Napoleão e Josefina em 1804, na catedral de Notre-Dame. O quadro de Jacques-Louis David mostra toda a pompa e luxo da corte que se estabeleceu ao redor do casal real de origem plebeia. Ao centro, Napoleão coroa a imperatriz, sendo observados pela corte e pelo Papa. Jean Louis David, autor da obra e pintor oficial dos Bonaparte, fazia parte da escola neoclássica, e representou não só essas características, buscava os valores gregos e romanos expressos, mas a moda de seu tempo, marcado pelo estilo “império”.

A ascensão da esposa de Napoleão na sociedade inicia-se com seu casamento e vai ser um contraponto à monarquia inglesa da época, que tinha como monarca o rei Jorge III, apelidado de “O Fazendeiro”, com sua corte simples ao redor do castelo de Windsor.

Em vez da simplicidade pós-revolucionária dos primeiros tempos, Napoleão planejou uma corte que rivalizava com a de Luiz XVI. Passou a envergar uma farda de casaco de veludo vermelho bordado a ouro e uma espada incrustada com algumas joias da coroa. Para ele, o povo seria facilmente conquistado com a pobre dádiva do vestuário. (WILIAMS,2015, p. 271).

Josefina de Beauharnais (Marie Joséphe Rose Tascher de la Pagerie) nasceu na Martinica em 1763, então colônia francesa no Caribe, filha de plantadores de cana de açúcar. Aos 15 anos migrou para a França, a fim de contrair matrimônio com o Visconde de Beauharnais, que foi guilhotinado durante o período de terror da revolução francesa. Viúva e com dois filhos, casa-se em 1796 com o então General Napoleão Bonaparte, seis anos mais jovem, que adota seus filhos, Eugène e Hortense. Em 1804 tornou-se a primeira imperatriz da França e reinou absoluta nos salões europeus, até Napoleão divorciar-se dela em 1810, alegando que a esposa não poderia dar-lhe um herdeiro por infertilidade.

Mostrou-se uma mulher inteligente, pois com a revolução francesa, ficou pobre e viúva. Seu primeiro marido não sobrevivera aos anos de terror anteriores e fora guilhotinado. Ela sobreviveu a esse período e Napoleão foi a salvação para sua precária vida financeira. E para incentivá-la ao luxo e à moda no Império

posteriormente. A valorização da cultura Romana culminou num gosto acentuado greco-romano, que vai inspirar a indumentária feminina no período napoleônico, com duração entre 1804 e 1815, lembrando consideravelmente as vestes gregas.

Figura 02: Retrato de Joséphine de Beauharnais .(<https://br.pinterest.com>)1805.



Como vemos na figura 02, retrato de Pierre-Paul Prud , Josephine traça um vestido semelhante a uma camisola com a cintura abaixo dos seios, com decote amplo, evidenciando o colo. O tecido é leve, feito provavelmente de musseline de algodão vaporoso e transparente. Em dias frios as damas, faziam o uso de luvas compridas como proteção no caso dos vestidos de mangas curtas. Comparando com períodos anteriores, nunca se viu o uso pelas mulheres de tão poucas roupas como no início do século XIX.

O xale vai tornar-se um acessório muito usado na corte, primeiramente importado da Índia, que era colônia inglesa. O bloqueio continental à Inglaterra vai deflagrar uma proibição ao uso de tecidos ingleses e ao processo de desenvolvimento da indústria têxtil francesa, especialmente da seda lionesa. Saber usar um xale com graça era a marca da mulher elegante, ele era peça essencial do guarda-roupa de todas as mulheres. (LAVÉ,1989, p.152).

“Outra proibição do imperador relacionado à moda foi a da repetição pública de vestidos das damas de sua corte. Isso tudo não só para gerar um consumo têxtil maior, como também para resgatar para a França o poder de ser um epicentro divulgador da moda em geral, uma vez que a Inglaterra estava influenciando toda a conduta da moda masculina” (BRAGA, 2004, p. 58)

A moda que vai popularizar Josefina é mais associada ao vestido chemisier, reto, de musselina ou algodão branco, popularizados na corte napoleônica. Sem pesadas barbatanas, e com algum suporte para o busto, ele liberava a forma feminina e exibia apenas um decote redondo e muito alvo. Steele (2013) porém lembra que esse estilo era inadequado para eventos formais na corte, nos quais continuava-se a usar o robe “à la française”. Podia ter decote cruzado ou redondo, mas sempre com a cintura alta. Fitas ou galões bordados com motivos gregos geométricos eram amarrados sob o busto. Debruns de pele passam a compor os vestidos após a derrota de Napoleão na Prússia em 1806.

Mais luxuosos, os trajes de noite tinham mangas curtas e eram usados com luvas brancas e compridas, acompanhados de xales de casimira indiana, casacos tipo bolero com alamares de inspiração militar, muito usados no frio.

Os vestidos do Império não possuíam bolsos. Pequenas bolsas de tecido e fecho de cordão começaram a ser usadas. Conhecidas como retículas, foram as percussoras das bolsas de mão. Muitos modelos possuíam desenhos e bordados exóticos, provocados pelas origens caribenhas da imperatriz.

Quando Napoleão abdicou a primeira vez, muitas mulheres inglesas foram à Paris conferir as últimas modas e constaram uma grande divergência de estilos, como lembra Laver (1989) :

As francesas ainda usavam o branco, mas a saia, ao invés de cair reta até o tornozelo, abria-se ligeiramente na barra. As roupas inglesas, por outro lado, estavam começando a adquirir um ar romântico, com elementos elisabetanos, como mangas fofas, e com aberturas. O resultado desse confronto foi as mulheres inglesas abandonarem imediatamente sua moda insular e adotarem a francesa. (LAVÉR, 1989, p.156-157)

Napoleão foi um profundo observador da moda em seu tempo e desejava que sua esposa fosse um exemplo. Proibiu vestidos brilhantemente coloridos,

detestava vestidos pretos e desejava ver uma mulher graciosa e elegante de branco. Williams (2014) relata que o imperador ameaçou colocar fogo nos xales de caxemira de Josefina, que eram de um luxo incrível e obrigou-a vestir-se completamente em lã feita a partir de ovelhas devidamente francesas. E ainda tinha que manter o peso baixo pois tinha um “ódio profundo por mulheres gordas”. O vestido de cintura alta favorito de Josefina era uma forma dela mostrar sua forma mais impressionante, sem revelar muito a pele. Seu consumismo era superior ao de Maria Antonieta. Em um ano, ela comprou 900 vestidos, quase cinco vezes mais do que Maria Antonieta. (WILLIAMS, 2014, pag.216).

Napoleão pagava as faturas das excessivas contas de Josefina pois ela era muito popular entre as elites da França e o povo em geral, mas nem sempre compreendia o custo. Desejava que a esposa aparentasse opulência. O traje era parte da missão de deslumbrar o povo com esplendor e ela tinha que ser mais fantástica do que qualquer outra mulher presente. “Madame Bonaparte, que compreendia em alto nível a arte de bem vestir, dava o exemplo de grande elegância” (LAURE D’ARANTÉS apud WILLIAMS, 2014, pag.275).

Além disso, o imperador encorajava danças e bailes de máscaras, restaurando a tradição dos bailes na Ópera. A vida na corte exigia gastos altos pelos seus participantes e milhões de metros de cetim foram consumidos em vestidos de bailes (WILLIAMS, 2014).

O senado proclamou imperador Napoleão Bonaparte, em 18 de maio de 1804, que se recusou a viajar para Roma para ser coroado, como mandava a tradição da época. O papa Pio VII teve que deslocar-se para a coroação. Os preparativos duraram meses. “Napoleão esperava que Josefina assumisse o papel da mais esplêndida imperatriz” (WILLIAMS, 2014, p 290). Sabia exatamente como queria que ela aparecesse. “Envergaria um vestido branco envolto em tule dourado bordado com abelhas douradas, e haveria uma cauda de quase 25 metros de veludo vermelho, adornada com ainda mais abelhas e bordada em arminho.” (WILLIAMS, 2014,p. 298), visto na figura 03.

Figura 03: Imperatriz Josefina. (https://es.wikipedia.org/wiki/Josefina_de_Beauharnais) 1807.



Coroada imperatriz, Josefina tornava-se a figura feminina central de um império que fracassaria em poucos anos. Talvez nunca pudesse imaginar, quando saiu da Martinica, que um dia teria mais joias e vestidos que Maria Antonieta. Mas se não perdeu a cabeça, não pode ser a mãe de um herdeiro de Napoleão.

Em 14 de dezembro de 1809 findou-se o reinado de Josefina. A noite da cerimônia do divórcio foi a maior ocasião social que a corte francesa vira em meses. “Foram todos em procissão para a sala do trono, resplandecente de joias e elegância”. (WILLIAMS, p. 392).

Josefina faleceu jovem, aos 50 anos, e sua morte foi chorada pelo povo. Napoleão não continuou imperador e foi deposto duas vezes. Josefina manteve-se memorável em seu tempo, seja pela elegância que a pôs na história e na moda, seja pelo amor que nutriu por um homem que foi um tirano e que a abandonou.

A história da moda, no império napoleônico, não pode ser contada sem olharmos os vestidos de Josefina e algumas curiosidades históricas: seu neto

Carlos Luís, filho de Hortense, seria o futuro rei francês Napoleão III, casado com Eugênia de Montijo, figura importante na história da moda. Sua neta Amélia, filha de Eugène, ficaria conhecida pela elegância e beleza, e casaria com Dom Pedro I, tornando-se imperatriz do Brasil. Destinos que uma pobre crioula geraria e seriam impensáveis quando saiu da Martinica.

Se a moda Império foi a primeira no início do século XIX, a segunda seria o a do período Romantismo. A transição entre estes seria chamada de Restauração e abriria campo para mudar a forma dos vestidos femininos.

Considerações Finais

Analisando a história nessa pesquisa, concluímos que os historiadores legaram um espaço pequeno para Josefina de Beauharnais. Vista, geralmente, como a mulher de quem Napoleão divorciou-se porque não pode dar-lhe um herdeiro. Sobreviveu aos anos de terror e sobressaiu-se numa corte que ditava as tendências na época, mas que no período pós revolução buscava uma identidade definitiva. Josefina tornou-se o centro de todas as atenções, seja pela elegância, seja pelos gastos excessivos. Mas ela foi muito mais que a rainha consorte e esposa de Napoleão Bonaparte. Foi também uma rainha da moda, sendo imortalizados seus trajes riquíssimos, em especial os da cerimônia de coroação. Possui mais joias e vestidos que a rainha decapitada Maria Antonieta. E teve também o olhar de um marido que viu na moda uma forma de impressionar seu tempo, e de promover a indústria de tecidos de seu país. Juntos, resgataram para a França o papel de divulgador da moda feminina mundial no período pós revolução francesa.

Referencias

BOUCHER, François. História do Vestuário no Ocidente. São Paulo: Cosac Naify, 2010.

BRAGA, João. História da moda. São Paulo: Editora Anhembi Morumbi, 2004.

BRONWYN, Cosgrave. História da Indumentária e da Moda - Das antiguidades aos dias atuais. São Paulo: GG Brasil, 2012.

FOGG, Marnie. Tudo sobre moda. Rio de Janeiro: Sextante, 2013.

LAYER, James. A roupa e a moda-uma história concisa. São Paulo: Companhia das letras, 1989.

LIPOVETSKY, Gilles. O império do efêmero. São Paulo: Companhia das letras, 1989.

MARRIOTT, Emma. A história do mundo para quem não tem pressa. Rio de Janeiro: Valentina, 2015

POLLINI, Denise. Breve História da Moda. São Paulo: Editora Claridade, 2007.

WILLIAMS, Kate. Josefina: desejo, ambição, Napoleão. São Paulo: LeYa, 2014.